

"O wonder!
How many goodly creatures are there here! How
beauteous mankind is! O brave new world!
That has such people in't!"
Shakespeare¹

O tema deste editorial do segundo número da *Gaudium Sciendi* é uma reflexão sobre o impacto da tecnologia no nosso mundo e deriva, em parte, da circunstância de poder haver quem se questione sobre o facto de a nossa revista ser electrónica. O tópico central deste texto de abertura poderia ter sido inspirado pela famosa obra que Aldous Huxley, citando Shakespeare, intitulou *Brave New World* (1932)², que decorre em Londres no ano de 2540 e na qual o autor antevê desenvolvimentos na tecnologia e na aprendizagem que se combinam para mudar a sociedade.

Ao ponderar sobre o assunto, verifica-se que, há pouco tempo, ninguém na indústria da impressão - ou fora dela - pensava que os *iPad*³, os *tablets* e até os chamados *smartphones* (telefones inteligentes) poderiam vir a destruir milhares de anos de tradições relativas ao papel por, graças a eles, ter diminuído a quantidade de impressão que se faz em todo o mundo e aparentemente também não nos demos conta de que há agora uma nova geração que está muito mais preparada e interessada em ler num ecrã do que numa página impressa. A necessidade de imprimir diminuiu justamente por essa geração estar já habituada ao formato do livro electrónico (*e-book*).

Com efeito, constata-se que, em algumas áreas do mundo ocidental, a impressão diminuiu 16%, e que 41% dos felizes possuidores de *tablets* consideram que o facto de assim reduzirem a impressão e o desperdício de papel

¹ Discurso de Miranda em *The Tempest*, Acto V, Cena I.

² Em 1999, a Modern Library atribuiu a esta obra de Aldous Huxley sobre futurologia o 5º lugar na sua lista dos 100 melhores romances ingleses do século XX. Huxley continuou a tratar o tema em *Brave New World Revisited* (1958) e no romance *Island* (1962) publicado um ano antes da sua morte.

³ Dispositivo produzido pela Apple Inc., situado a meio caminho entre um *MacBook* e um *iPhone*, que permite ler livros, revistas e jornais, aceder ao correio electrónico e consultar a Internet e cujo ecrã pode ser lido na horizontal e na vertical.

é um dos benefícios da opção que fizeram. Inquéritos feitos nos Estados Unidos⁴ demonstraram que - apenas até Fevereiro de 2010 - 21% dos Americanos tinha lido um *e-book*. Comprovaram, igualmente, que, embora os livros impressos fossem considerados preferíveis para ler com crianças ou com amigos, os livros electrónicos tinham sobre eles as vantagens de se ter acesso imediato a uma vasta quantidade de materiais e de poderem ser facilmente lidos em viagem, mesmo que se tratasse de obras de grande dimensões, ou em locais com pouca luz. Com efeito, basta vermos como está generalizado o uso destes dispositivos, por exemplo, enquanto se viaja de comboio ou de avião e como se fala deles em todo o lado, para concluirmos que algo está a acontecer assim como quando verificamos que o número de *tablets* e *smartphones* está a ultrapassar os 1,3 biliões de impressoras instaladas em todo o mundo.

É bem reveladora do estado de coisas a informação de que o negócio, antes tão florescente, das impressoras Hewlet-Packard teve de se fundir com a sua divisão de computadores devido, em parte, à redução de lucros e ao pouco crescimento da empresa.

Do mesmo modo, é digno de referência que o conjunto de 32 volumes da *Encyclopaedia Britannica* em formato de livro, que vinha a ser impresso desde a sua primeira edição em 1768, em Edimburgo, na Escócia, vai passar a ter unicamente o formato digital, visto que a maioria dos utilizadores prefere esse formato e, seguindo a tradição da empresa, o editor pretende divulgar o

⁴ Veja-se The Pew Internet and American Life Project.

conteúdo da Enciclopédia da forma que o público leitor escolhe por considerar que assim a pode usar mais eficazmente⁵.

Por outro lado, há quem diga que o interesse pela impressão continua mas, na verdade, trata-se de outro tipo de edição que se pode considerar um mercado emergente designado como impressão móvel ou *cloud printing*, como se pode verificar pelo facto de 60% das empresas recentemente questionadas num inquérito pretenderem poder imprimir a partir dos telemóveis e 25% estarem a ponderar a alternativa de poderem imprimir directamente de um *smartphone* ou *tablet* e de enviarem documentos por Wi-Fi através da "nuvem". A Hewlett-Packard, que foi a pioneira neste tipo de impressão designado como *ePrint* (impressão em nuvem), forneceu 15 milhões de *ePrinters* apenas no ano passado. Esta evolução leva alguns a considerarem que enviar documentos para uma impressora será em breve equivalente a tentar acender uma fogueira com pedras e chamam a atenção para o facto importante de que, ao evitar imprimir em papel, estamos a defender as árvores que deixam de ser abatidas e os rios e lagos conspurcados com os detritos químicos do processo de impressão.

Na verdade, os jornais e as revistas impressas estão a desaparecer mais cedo do que alguma vez se imaginou. Há alguns anos, ninguém previa a súbita e avassaladora emergência da fotografia digital ou o que aconteceu quando a

5

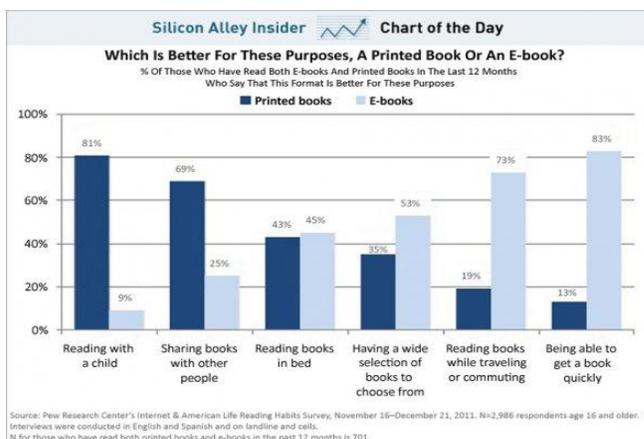


Gráfico publicado no *Business Insider*, em 5 de Abril de 2012, no artigo de Jay Yarow intitulado "Chart of the Day: The Death of Printed Books".

câmara obscura do século XVII e XVIII cedeu lugar à *Kodak* e aos *scanners*, de repente, as revistas deixaram de precisar de câmaras escuras e de orçamentos para filmar e fotocopiar. Podemos, pois, avaliar o que irá significar o poder dos telefones e *tablets* ou da tecnologia que permite utilizar ecrãs LCD desdobráveis, que nos permitem ver e ler o que quisermos em qualquer lugar apenas com um toque no ecrã. Certos analistas acham que essa experiência é melhor do que a da leitura em folhas impressas porque assim temos acesso fácil e imediato a todo o material editado onde quer que estejamos e prevêem que o nosso interesse pela imprensa passará e ela irá acabar.

Por outro lado, persiste ainda quem considere que nada pode substituir o prazer táctil do contacto com o material impresso, que os nossos olhos ficam cansados após um dia de leitura no computador e que a palavra impressa está a demonstrar ter uma inesperada resiliência. A esse propósito, evocam o facto de se ter também infundadamente temido que a televisão viesse substituir a rádio e o cinema e afirmam que vivemos numa época muito estimulante e num mundo com múltiplos canais de comunicação.

Há, porém, que ter em consideração que a imprensa está a desaparecer não apenas devido a mudanças tecnológicas mas também a alterações geracionais pois é evidente que as novas gerações lêem cada vez menos jornais ou livros e procuram outras fontes de informação, conhecimento e entretenimento, como a Internet, embora tal não signifique que lêem menos. Os leitores actuais preferem ler num meio que lhes permite alterar o tamanho dos caracteres (*zooming*), tomar notas nas margens, sublinhar o texto, consultar o dicionário incorporado no dispositivo, obter mais informação, ver vídeos relacionados com o tema e até responder a questionários sobre o capítulo que estão a ler e partilhar a leitura com amigos, sem nunca terem de sair do seu *e-reader*.

Verificamos, pois, que está a ocorrer uma mudança nos hábitos de leitura e que estes foram alterados devido ao *iPad*, ao *Kindle* e ao 'maremoto' de outros dispositivos de leitura tipo *tablet*. Estas circunstâncias levaram o famoso

Nicholas Negroponte⁶ - ao constatar que as vendas de livros para o *Kindle* tinham ultrapassado as dos livros encadernados - a declarar recentemente que o livro impresso estará morto dentro de cinco anos, fazendo-nos pensar nas previsões de Victor Hugo que, em *Notre Dame de Paris*⁷ (1831), previa que o livro iria matar tanto a arquitectura como a religião. A conclusão de que as referidas mudanças são inevitáveis é, de certo modo, comprovada pelo facto de o leitor estar a ler este editorial no ecrã do seu computador o que significa que foi redefinido o modo de ler mas não implica que os dispositivos electrónicos estejam já a suplantar totalmente os livros e os jornais. Sabemos, no entanto, que, no ano passado, pela primeira vez, a empresa Amazon vendeu mais livros electrónicos do que impressos o que nos pode levar a concluir que a tendência já não irá reverter, tal como Negroponte previa. A conclusão geral poderá ser que a imprensa é um veículo para a difusão da informação que, durante vários anos, foi o modo mais eficaz de atingir esse objectivo mas que, actualmente, deixou de o ser, tal como os cavalos deixaram de ser o melhor e mais rápido meio de transporte como em tempos foram considerados.

É evidente para quem reflecte sobre o assunto que estamos, hoje em dia, a viver aquilo que se poderia considerar uma revolução cultural pois, pela primeira vez, desde o desenvolvimento dos caracteres móveis no século XV, a tipografia perdeu a primazia na comunicação. A proliferação da tecnologia electrónica fez mais do que disponibilizar novos meios de comunicação, armazenamento e acesso à informação. Os novos *media* mudaram gradualmente não apenas o modo como compreendemos a linguagem e as ideias mas também o mundo e nós próprios. A alteração nos modos de comunicar tem tido um impacto extraordinário em todos os aspectos da vida contemporânea e as implicações inerentes à viragem da cultura impressa para os *media* electrónicos são vastas,

⁶ Nicholas Negroponte é famoso autor da obra *Being Digital* (1995), na qual previa como o mundo interactivo, o do entretenimento e o da informação se iriam fundir. Criou o Media Lab do Massachusetts Institute of Technology (MIT) e coordena a revolucionária organização sem fins lucrativos "One Laptop Per Child" (OLPC), que fornece materiais educativos para as crianças dos países subdesenvolvidos "aprenderem a aprender".

⁷ Capítulo II, Livro V.

complexas e perturbadoras pois têm a ver com o modo como usamos a língua, as imagens e o pensamento para representarmos a realidade. Cito, a este propósito, Marshall McLuhan, que, em *Understanding Media: The Extensions of Man* (1964), afirmava profeticamente acerca dos meios que considerava extensões dos seres humanos: "Since all media are fragments of ourselves extended into the public domain, the action upon us of any one medium tends to bring the other senses into a new relation." (p. 7).

Como podemos descrever esta mudança cultural? As crianças, hoje em dia, crescem num mundo no qual a leitura foi 'suplantada' por outras opções para obter informação e entretenimento. Segundo um estudo feito em 1999, as crianças americanas passavam 5 horas e 48 minutos por dia com os meios electrónicos contra 44 minutos com a imprensa e este tempo incluía a actividade obrigatória da realização de trabalhos de casa. Tal não significa que os livros, as revistas e os jornais estejam a desaparecer mas sim que a sua posição na cultura contemporânea mudou significativamente nas últimas décadas mesmo entre os leitores mais cultos. Estamos agora a ver a primeira geração de jovens intelectuais que não estão interessados em mergulhar no mundo dos livros mas isso não quer dizer, tal como já referido, que sejam contra a leitura de obras impressas mas sim que a vêem apenas como uma das muitas opções de que dispõem para obter informação.

O declínio da impressão como o principal meio de codificar, apresentar e preservar o conhecimento na nossa cultura não pode ser visto apenas como uma mudança metodológica pois é, de facto, uma transformação epistemológica.

É vastíssima a bibliografia sobre este tema que tem dado origem a múltiplos debates. Entre outros, Neil Postman, o polémico autor de *Technopoly: The Surrender of Culture to Technology* (1992), na sua conferência intitulada "Five Things We Need to Know About Technological Change"⁸ afirma que todas as mudanças, além de vantagens, têm também um preço e considera que há uma lacuna geracional entre a antiga tradição de uma visão do mundo centrada na linguagem e uma perspectiva recentemente emergida centrada nas imagens⁹.

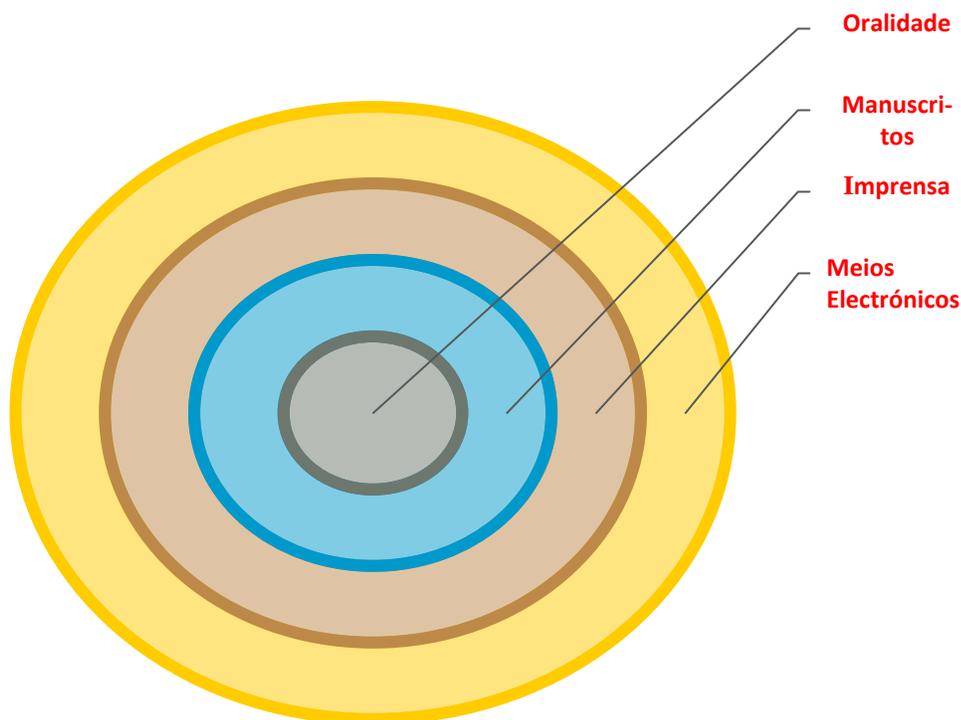
Este debate sobre o uso das imagens em vez das palavras como meio de comunicação está directamente relacionado com o tema central deste Editorial e é também, como é óbvio, muito discutido nas teorias da comunicação e da educação. A mudança epistemológica de que fala Neil Postman afecta o significado, a tessitura e os valores do próprio discurso literário e demonstra como os meios electrónicos, como a televisão¹⁰, a rádio e os discos transformaram os modos como a literatura imaginativa pode agora ser transferida e sugere como esses *media* alteraram profundamente as formas da própria literatura¹¹. É uma modificação semelhante à sofrida pela literatura há dois milénios e meio quando passámos de uma cultura oral para a escrita utilizando os manuscritos e depois a imprensa.

⁸ Conferência dada por Postman, em 1998, numa reunião de teólogos e dirigentes religiosos em Denver, Colorado, nos Estados Unidos.

⁹ *Teaching as a Conserving Activity* (New York: Delta, 1979), p. 76.

¹⁰ É de referir que a nova geração já não vê televisão em tempo real pois vai à Net buscar as notícias, séries e programas que lhe interessam e que vê quando quer, estando os servidores a adaptar-se a esse novo paradigma.

¹¹ Um dos exemplos da influência dos *media* é o surpreendente revivalismo da poesia popular que ocorreu sobretudo fora da página impressa que tinha trazido consigo o hábito da leitura silenciosa enquanto os meios electrónicos vieram enfatizar os elementos audíveis e a oralidade dos versos e vieram confirmar a afirmação de Walter Ong (*Orality and Literacy: The Technologizing of the Word* (London: Methuen, 1982) que a vista isola e o som incorpora.



Desde Marshall McLuhan que sabemos que os modos como um meio actua ditam o tipo de conteúdo que nos é comunicado, isto é, que "o meio predetermina a mensagem", visto que a sua forma se 'infiltra' nela criando uma relação simbiótica através da qual o *medium* influencia o modo como a própria mensagem é compreendida¹². Por outro lado, enquanto Foucault se interrogava sobre "Qu'est-ce qu'un auteur?"¹³, Roland Barthes, que via o mundo como um texto, em 1968, anunciou a morte do autor mas reconheceu que iríamos ter de pagar o nascimento do leitor justamente com a morte do autor por achar que o leitor reescreve o texto para si próprio e, conseqüentemente, hoje há já quem vá mais longe e fale da morte do texto e considere que estamos a passar de uma cultura impressa para uma civilização audiovisual na qual a escrita existe mas já

¹² Veja-se *Understanding Media: The Extensions of Man*, Cambridge, Mass.: MIT Press, 1994, (1964).

¹³ Michel Foucault, "Qu'est-ce qu'un auteur?" (1969), *Dits et Écrits*, Paris: Gallimard, 1994.

não é o meio primordial do discurso público e os leitores se transformam em telespectadores e ouvintes.



Ao reflectir sobre este tema, é inevitável mencionar as críticas negativas do pensador francês Bernard Stiegler¹⁴, que - na esteira da censura de Platão à escrita em *Fedro* - ao longo da sua obra¹⁵ defende a tese de que as novas tecnologias estão a criar indivíduos incapazes de tomarem conta de si e dos outros não sendo, por isso, cidadãos responsáveis. Este polémico filósofo, autor da conhecida trilogia *La Technique et le Temps* (1994), considera que a própria capacidade de pensar está a ser ameaçada devido ao facto de o mundo contemporâneo ter deixado de ter significado, por a nossa sociedade ser estruturalmente incapaz de educar os seus filhos e que as modernas tecnologias excedem as anteriores por não contribuírem para a maturidade ou prestarem atenção à formação do cérebro das gerações futuras. Afirma que estamos no meio de uma revolução nas tecnologias culturais e cognitivas e nas próprias bases do conhecimento e que os *media* estão a usurpar a nossa consciência.

Tal como Giorgio Agamben, que fala do homem sem conteúdo e considera o telemóvel como o pior dispositivo de sempre¹⁶, Stiegler ataca a época contemporânea que pinta como uma evolução da "técnica" da era do livro (*la république des lettres*) para a cultura televisiva (o cinema e a televisão) e para a programação numérica dos nossos dias (os computadores e os telemóveis), que é uma nova forma de *technique* marcada pela interactividade. Esta "técnica",

¹⁴ Vide neste número M. Laura Bettencourt Pires, "Fans and Celebrities at the University", p.

¹⁵ Veja-se *Prendre soin, de la jeunesse et des générations*, Flammarion, 2008; "Faut-il interdire les écrans aux enfants?", Paris, Mordicus, 2009 e *États de choc - Bêtise et savoir au XXI^e siècle*, Fayard/1001 Nuits, 2012.

¹⁶ V. *L'uomo senza contenuto*, Quodlibet, 1994; *Che cos'è il contemporaneo?* Nottetempo. 2008; *Che cos'è un dispositivo?* Nottetempo. 2006.

segundo Stiegler, entrou na "batalha pela inteligência" (que designa como *noopolitik*¹⁷) e, por isso, é mais perigosa do que as outras porque, graças a ela, já não educamos as crianças que, actualmente, nada mais são do que um cérebro, deixaram de ter consciência, de prestar atenção e de ter um sentido de cultura e de comunidade¹⁸. Em *De la misère symbolique* (2004), afirma que o desenvolvimento das indústrias culturais promoveu uma 'proletarização' da sensibilidade¹⁹, ou perda de conhecimento do consumidor, através dos "aparelhos" para a 'canalização' e reprodução da percepção. Esta perda torna-o um consumidor cultural, segundo o autor, semelhante àquele que Hannah Arendt designava como um filistino cultivado. Stiegler, ao repetir os ataques já precedentemente feitos por Marcuse e Adorno contra as "indústrias da cultura", parece, contudo, esquecer que, segundo as recentes tabelas da UNESCO, houve subida do nível de literacia²⁰ e que podem ter havido outras causas para o aumento das síndromes de falta de atenção e de hiperactividade (AD/HD) - que atingem 5% das crianças em todo o mundo - pois são vários os elementos que nos podem ajudar a compreender a actual crise social de atenção. Hannah Arendt²¹, que Stiegler cita, é bastante mais moderada ao afirmar, profeticamente, que, apesar da anterior reprovação da cultura de massas, temos de a encarar e procurar nela algo de positivo porque a sociedade de massas, quer a apreciemos ou não, veio para ficar.

Por outro lado, John Dewey (1859-1952), o conhecido filósofo fundador do Pragmatismo e do movimento progressivo na educação nos Estados Unidos, pretendia ligar o saber com o fazer e, por isso, tal como Stiegler, queixava-se, já

¹⁷ *Noopolitik*, do Grego *Noos* (conhecimento) e do Alemão *Politik* (política) corresponde à política de gestão de conhecimento.

¹⁸ Ocorre a este propósito o filme *Idiocracy* (2006) que é uma sátira da ficção científica e fala de uma sociedade desprovida de curiosidade intelectual, de responsabilidade social e de noções coerentes de justiça social e de direitos humanos.

¹⁹ Bernard Stiegler, "The Proletarianization of Sensibility", conferência proferida em 2011 no California Institute of the Arts, the University of California, Los Angeles, e na University of California Irvine.

²⁰ V. Regional Literacy Rates, United Institute of Statistics.

²¹ Hannah Arendt, a conhecida autora de "The Crisis in Culture: Its Social and Its Political Significance" (1961), falou deste tópico em "Society and Culture" (*Daedalus*, 1960, vol. 89, Nº 2, pp. 278-287), dizendo que o filistinismo cultural era um assunto do passado.

na sua época, daquilo que designava como "spectator conception of knowledge."²² Também Merleau-Ponty (1908-1961), em França, juntava a sua voz a estas críticas, ao afirmar que era a percepção que tinha o papel fundamental na nossa compreensão do mundo e ao considerar a visão como um sentido que, nas suas palavras, fragmentava ou dissecava, tornando assim o conhecimento 'assassino' visto que ver era análogo a desmembrar²³.

Feitas estas breves referências ao contexto actual, impõe-se que ponderemos sobre o âmbito histórico do tema genérico deste Editorial e para tal temos de estar conscientes de que já Platão e Aristóteles (no 1º capítulo de *Metafísica*), consideravam a visão como o mais nobre dos sentidos e que o visualismo está presente no pensamento ocidental desde os pré-socráticos até ao século XX, tendo apenas nos nossos tempos vindo progressivamente a sofrer o escrutínio crítico acima referido. Este visualismo grego está ligado à noção de distância que é necessária para o conhecimento visual e que virá a ser uma das bases do nosso conceito moderno de objectividade. Os defensores do visualismo grego consideravam que, na história da filosofia, a visão tendia a dominar a percepção, ocasionando a negligência das possibilidades existentes nos outros sentidos, e tendo-se assim tornado o paradigma para o conhecimento. Esse conhecimento corresponde a ver no sentido literal ou, de modo figurado, equivale a um metafórico ver ou compreender "com o olho da mente" (uma noção herdada de Platão²⁴). É de lembrar a este propósito que a palavra teoria deriva etimologicamente do termo grego para visão e, do mesmo modo, que uma ideia é aquilo que se vê. São múltiplos os filósofos e pensadores que também consideram que a concepção mais dominante do conhecimento assimila e identifica "saber" com "ver". Entre eles, destaco Ortega y Gasset (1883-1955) que afirma explicitamente: "(...) desde a época dos Gregos, quase todos os

²² *The Quest for Certainty: A Study of the Relation of Knowledge and Action* (New York: Perigee Books, 1980 [1929], p. 23.

²³ V. *L'Œil et l'esprit* (Paris: Gallimard, 1961); *Phénoménologie de la perception* (Paris: Gallimard, 1945).

²⁴ Platão, em *A República*, fala do "olho corpóreo" e a propósito do "olho da mente" ou *nous*, e afirma que quando este cai sobre objectos iluminados pela verdade e pela realidade, os compreende e funciona inteligentemente.

termos relativos ao conhecimento e aos seus factores e objectos derivam de palavras vulgares relativas a ver e olhar."²⁵

Mais modernamente, a situação alterou-se e, tal como declara Walter Ong: "A história da filosofia é sobretudo a história da procura de analogias visualistas e espacialistas cada vez mais adequadas para representar e compreender o universo do real e o universo do espírito, porém, hoje em dia, estamos a viver numa época que começou a sentir-se mal em relação a essa busca."²⁶ Acrescenta, à guisa de justificação, que são as imagens que têm sempre de ser elucidadas pela palavra e não o contrário.²⁷ Marshall McLuhan, tal como Merleau-Ponty, fala do poder fragmentador do sentido visual e considera que a visão dessacraliza visto que o olho é frio e é necessária distância para ver²⁸. Refere-se, como Ong, ao ideal do não envolvimento teórico, que tem um papel tão importante na nossa cultura universitária, lembrando que o Humanismo é, além do resto, a determinação de "ver por si próprio" em oposição a aceitar o que outrem nos diz sobre o assunto.

Ao considerarmos a construção histórica da visualidade e a natureza da sua transferência, verificamos que é inevitável haver debates porque, actualmente, houve uma ruptura mais profunda do que aquela que separa a imagística medieval da perspectiva renascentista. Adveio, com efeito, uma reconfiguração das relações entre o sujeito observador e os modos de representação que anula efectivamente a maioria dos significados antes estabelecidos dos termos 'observador' e 'representação'. A formalização e a difusão de textos e imagens gerados por computador anuncia a implantação omnipresente de espaços visuais fabricados que são radicalmente diferentes das

²⁵ *El hombre y la gente* (1957); Trad. ing. *Man and People*, (New York: W. W. Norton, 1957), p. 68.

²⁶ *The Barbarian Within and Other Fugitive Essays and Studies* (New York: Macmillan, 1962), p. 84. V. também *The Presence of the Word: Some Prolegomena for Cultural and Religious History* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1981), p. 34 e a obra já referida *Orality and Literacy: The Technologizing of the Word* (London and New York: Methuen, 1982), p. 80.

²⁷ *The Presence of the Word: Some Prolegomena for Cultural and Religious History* (Univ. of Minnesota Press, 1981) p. 322. Nesta obra, cujo tema está directamente relacionado com o tópico central deste Editorial, o P^e. Ong faz uma análise do desenvolvimento da expressão verbal, desde as fontes orais através da transferência para o mundo visual e para os meios contemporâneos de comunicação electrónica.

²⁸ *Understanding Media: The Extensions of Man*, Cambridge, Mass.: MIT Press, 1994, (1964), p. 138.

capacidades miméticas do cinema, da fotografia e da TV, que eram meios de comunicação limitados à sua tecnologia analógica (que ainda corresponde aos comprimentos de onda do espectro óptico) e a um ponto de vista estático ou móvel localizado no espaço real.

O *design* por computador, a holografia sintética, a simulação de voo, a publicidade na Internet, o reconhecimento robótico de imagem e a imagiologia por ressonância magnética - que estão relacionadas com as necessidades das indústrias de informação globais e com as exigências cada vez maiores das hierarquias médicas, militares e policiais - são algumas das técnicas que estão a relocalizar a visão num plano separado do observador humano embora persistam modos de ver mais antigos e familiares que co-existem com estas novas formas. Porém, estas tecnologias emergentes de produção de imagens estão a tornar os modelos dominantes de visualização - que estavam de acordo com os processos sociais básicos e as instituições existentes - cada vez mais antiquados e podemos concluir que o facto de a representação visual não ser privilegiada traz, inevitavelmente, implicações para a epistemologia pois, como sabemos, há uma relação entre aquilo que vemos e o que sabemos²⁹.

A maior parte das funções históricas importantes do olho humano estão a ser suplantadas por práticas em que as imagens visuais já não têm qualquer referência à posição do observador num mundo "real" apreendido opticamente. As imagens actuais referem-se a milhões de *bits* de dados matemáticos electrónicos e, progressivamente, a visualidade irá situar-se num terreno cibernético e electromagnético onde os elementos abstractos visuais e linguísticos coincidem, são consumidos, circulam e são globalmente intermutáveis.

Para compreender a abstracção inexorável do visual temos de ter em conta que está a ocorrer uma mutação contínua da natureza da visualidade e, conseqüentemente, certos modos e formas vão sendo deixados para trás. É

²⁹ John Berger, em *Ways of Seeing* (London: Penguin, 1990 [¹1972]) afirma que ver surge antes das palavras e que estabelece assim o nosso lugar no mundo, havendo uma relação entre aquilo que vemos e o que sabemos.

inegável que a imagem omnipresente está agora a envolver-nos e, por isso, perguntamo-nos se os gráficos por computador e os conteúdos do terminal de vídeo, por exemplo, não serão mais uma elaboração daquelas que Debord³⁰ considerou que contribuíam para aquilo que designou como "sociedade do espectáculo". Outra questão seria qual a relação existente entre a imagística digital desmaterializada do presente e a chamada era da reprodução mecânica de que falava Benjamin³¹ e, portanto, que tipo de ruptura está a ocorrer ou ainda que elementos de continuidade ligam as imagens contemporâneas com as antigas organizações do visual. Em resultado das referidas alterações nas práticas representativas, há quem veja a nossa comunidade, por oposição à designação de Guy Debord, como a 'sociedade do ecrã' e os telespectadores de hoje, logicamente, como 'sujeitos do ecrã' porque, como sabemos, as mudanças apontam para o modo como o conhecimento e o poder actuam directamente no receptor da mensagem e, para compreendermos a construção histórica da visão, devemos olhar para o observador e não apenas para a tecnologia, cuja evolução tem sido no sentido de privilegiar os conteúdos face ao suporte, passando a existir redes e plataformas de tecnologia neutra e, por isso, imunes às suas limitações e alterações. Por outro lado, segundo as novas teorias da visão, as elites intelectuais - seguindo o conselho de Hannah Arendt - precisam de se relacionar com as novas tecnologias devido às relações entre a modernização da subjectividade e a expansão dramática e a industrialização da cultura visual.

Recuando no tempo e pensando no tema de outro ponto de vista, podemos-nos interrogar se as referidas críticas actuais sobre a cultura visual não poderão estar relacionadas também com o preconceito cristão contra as imagens e as representações, expresso na Bíblia, no Êxodo (20:4) e no Deuterónimo (5:7), onde se lê: "Não faças para ti ídolos, nenhuma representação daquilo que

³⁰ Guy Debord, *La Société du Spectacle* (Buchet/Chastel, 1967). A análise de Debord nesta famosa obra, que teve grande impacto nos acontecimentos de Maio de 1968, tem vindo a ser confirmada ao longo do tempo.

³¹ Walter Benjamin, *Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit* (1936). Trad. "The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction" in *Illuminations*, ed. and tr. de Hannah Arendt, Fontana, London (1968). V. também "Experience and Poverty", *Walter Benjamin: Selected Writings 1931-1934* (Harvard Univ. Press, 2005) pp. 731-743.

existe no céu e na terra ou nas águas que estão debaixo da terra". Como é do conhecimento geral, a aplicação deste 2º Mandamento é uma das divergências entre Católicos e Protestantes, que não aceitam que as imagens nas igrejas possam servir para ensinar o povo, que deve ser instruído pela leitura³² e pela pregação, e daí resulta o contraste entre o floreado de ornamentos visuais das igrejas católicas e o aspecto austero das protestantes e a diferença entre o ícone protestante da cruz e o Crucifixo dos Católicos. Pode, no entanto, sempre contrapor-se que também lemos na Bíblia "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança." (Génesis 1: 26) e que Deus se tornou visível através da encarnação em Cristo (S. João 1:14; Carta aos Colossenses 1:15; 2:9; Carta aos Filipenses 2:7). Considerando o Islamismo, verifica-se que, neste âmbito, há ainda mais rigor, tal como é evidente na arte islâmica que não inclui representações.

Ao concluir esta reflexão, e um pouco como justificação da decisão de apresentar a *Gaudium Sciendi* em formato electrónico, lembramos que as revistas *on-line* são publicadas como um meio criativo, artístico e comunicativo, que é formado pela comunidade que as lê e que, embora sejam, por vezes, consideradas como as meias-irmãs dos magazines impressos, tem de se reconhecer que são elas que representam o futuro da edição que, como todos sabemos, está na *Internet* e que não pode ser ignorado. São elas que, por serem inovadoras, correm riscos, surpreendem e procuram satisfazer leitores ainda não habituados ao novo modo de obter informação e, além disso, como já referido, não contribuem para o desaparecimento das árvores e ultrapassam em facilidade de acesso e economia as revistas e os jornais impressos. Tal, porém, não significa que a imprensa seja má mas sim que o formato digital a supera e tem vantagens como: ubiquidade, constância, velocidade, facilidade de consulta, capacidade de actualização, possibilidade de alteração ou melhoria, selecção de materiais, interacção com os leitores, distribuição através de *links* e obtenção de retorno de informação (*feedback*) quase imediato, que fazem, por isso, as

³² É de mencionar que o Protestantismo surgiu na época da difusão da imprensa e era considerado como uma cruzada pela literacia, sendo um dos seus ideais que todos os crentes soubessem ler e compreender a Bíblia Sagrada por si próprios.

publicações digitais transcenderem as limitações da imprensa. Outro aspecto, decerto mais importante, é o facto de também haver vantagens do ponto de vista económico, pois o custo da produção e da distribuição de uma revista electrónica é praticamente inexistente e os jornais impressos não podem competir com algo que é distribuído gratuitamente e têm de se adaptar ao novo formato ou correm o risco de, em breve, se tornarem obsoletos.

Termino este Editorial, lembrando que todas as épocas, tal como a nossa, têm sido alvo de críticas devido às suas opções epistemológicas e, dentro do espírito do conteúdo do meu texto, cito uma censura em palavras, escrita por Feuerbach no século XIX, e outra visual e pictórica do século XVI da autoria de Arcimboldo, que pretende criticar aqueles que, embora tendo muitos livros, não os lêem:

"But certainly for the present age, which prefers the sign to the thing signified, the copy to the original, representation to reality, the appearance to the essence... illusion only is sacred, truth profane. Nay, sacredness is held to be enhanced in proportion as truth decreases and illusion increases, so that the highest degree of illusion comes to be the highest degree of sacredness."

Feuerbach, *The Essence of Christianity*³³, Prefácio da 2ª edição de 1843.

³³ Ludwig Feuerbach, *Das Wesen des Christentums*, 1841. A 2ª edição de 1843, publicada em Inglaterra em 1854, foi traduzida para Inglês por Marian Evans (1819-80), que ficaria a ser conhecida pelo pseudónimo George Eliot, e cujo trabalho foi influenciado pelas ideias de Feuerbach sobre religião.

Giuseppe Arcimboldo, *O Bibliotecário*, 1566³⁴

Maria Laura Bettencourt Pires
Directora da *Gaudium Sciendi*

RESUMO

O tema deste editorial é uma reflexão sobre o impacto da tecnologia no nosso mundo. Embora há pouco tempo não se pensasse nisso os *iPad*, os *tablets* e até os chamados *smartphones* têm vindo a destruir milhares de anos de tradições relativas ao papel e os jornais e as revistas impressas estão a desaparecer. Há, contudo, quem diga que o interesse pela impressão continua mas, na verdade, trata-se de outro tipo de edição que se pode considerar um mercado emergente designado como impressão móvel ou *cloud printing*. Verifica-se que as novas gerações lêem cada vez menos jornais ou livros e procuram outras fontes de informação,

³⁴ O original desta pintura a óleo sobre tela do pintor maneirista italiano Giuseppe Arcimboldo (1527-1593) encontra-se no Castelo de Skokloster, na Suécia, tendo antes estado integrado na famosa colecção de arte do imperador Rudolfo II. Devido à crítica implícita, o título é também traduzido como *O Homem dos Livros* em vez de *O Bibliotecário*.

conhecimento e entretenimento, como a Internet, embora tal não signifique que lêem menos mas sim que está a ocorrer uma mudança nos hábitos de leitura. Trata-se não apenas de uma mudança metodológica mas sim de uma transformação epistemológica. Ao reflectir sobre este tema, têm de se mencionar as críticas negativas contemporâneas de Bernard Stiegler e Giorgio Agamben e antes as de John Dewey, que se queixava daquilo que designava como "spectator conception of knowledge" e as de Merleau-Ponty. No âmbito histórico do tema, temos de estar conscientes de que já Platão e Aristóteles, tal como depois Ortega y Gasset, falaram da construção histórica da visualidade e da natureza da sua transferência. Conclui-se que todas as épocas, tal como a nossa, têm sido alvo de críticas devido às suas opções epistemológicas e termino citando uma censura em palavras, escrita por Feuerbach no século XIX, e outra visual e pictórica do século XVI da autoria de Arcimboldo.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia; hábitos de leitura; visualidade; Stiegler; Agamben

ABSTRACT

The theme of this editorial is a reflection about the impact of the new technologies in our world. Although a short time ago no one thought about it the truth is that the iPad, tablets and smartphones have been destroying thousands of years of traditions related to paper and that newspapers and print magazines are disappearing. There are, however, some who say that there is still interest for printing but, as a matter of fact, it is another type of printing, which can be considered an emergent market and is designated as cloud printing. It is obvious that the new generations read less newspapers and books and look for other sources of information, knowledge and entertainment, like the Internet, that however doesn't mean they read less but that there is a shift in their reading habits. It is not only a methodological change but also an epistemological transformation. To reflect on this topic, we must also mention the negative contemporary criticisms of Bernard Stiegler and Giorgio Agamben and, before that, those of John Dewey - who complained of what he designated as the "spectator conception of knowledge"- and also Merleau-Ponty's disapproval. Regarding the historical scope of the theme, we have to be conscious that both Plato and Aristotle, as later Ortega y Gasset, mentioned the historical construction of visuality and the nature of its transference. We can thus conclude that every epoch, just like ours, has been criticized due to its epistemological options and I bring this editorial to a close quoting a written censure by Feuerbach in the 19th century and a visual and pictorial one from the 16th century by Arcimboldo.

KEY-WORDS: Technology; Reading habits; Visuality; Stiegler; Agamben